

1888

# Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

4.<sup>a</sup> SERIE  
N.º 3

P.<sup>o</sup> Antonio Hermano

Assignatura: Quinhentos réis por anno.

## SUMMARIO

Perfil do padre, *Agostinho d'Azvedo* — Mulher  
de Fôncio, *Mattos Fereira* — A oração,  
*R. F. Fontinha* — *Letras e Artes*

A  
REDACÇÃO  
COLLEGIO DE S. DAMASO  
—  
GUIMARÃES

## CORRIGENDA

Por lapso de revisão escapára no 1.º n.º pag. 22 D. João v por D. Pedro v, e por descuido no immediato não se abriu errata.

Já que estou com a mão na massa : a pag. 24 do 1.º n.º lê-se *destumbrando* por *desdobreando* e na 2.º pag. de capa do 2.º n.º passou *melada* por *meiada*.

Appellamos das incorrecções de prélo para a illustração dos leitores.

Ao collega de Vizeu agradeço a attenção que lhe mereceu o meu artigo.

A. A.

### Lições de bem falar

#### AOS COLLEGIAES

#### ERRATAS

(Continuação)

nas cartas e conversas :

ONDE SE DIZ	DIZEM
Enxertar o pão	Encetar (principiar) o pão
Alagar	Derruir, desmornar
Ougar	Aguar (vir água á boca)
Tal e qual	Tal qual
Outro	Outro
Alvezes	A's vezes
O quer que é	O que quer que é
Escupir	Cuspir
Cachópos	Crianças, rapazes
Alguem de para com...	Depara-se a alguem.
Emquanto a	Quanto a
Não ha duvida que	Não ha duvida em que
Fazer com que	Fazer que
Cumprir com os deveres	Cumprir os deveres
Um dos que fez	Um dos que fizeram
Aonde está	Onde está
Immensas vezes	Innumeras vezes
Acabem-se com massadas	Acabem-se as massadas
Venho de chegar (gal.)	Acabo de chegar
Ter successo	Ser aclamado.
Tratar de resto	Tratar com desprezo
Tão claro que salta aos olhos	Claro como a luz do sol.
Petimetre	Peravilho
Reclame	Reclamo
Revoltar	Indignar
Flanar	Passear
Bonhomia	Feição, alegria

A. A.

### À imprensa

Muitos periodicos tiveram a generosidade de noticiar com louvor o reaparecimento da «Crença & Letras» e não poucos nos penhoraram com a transcripção dos summarios. É dever de gratidão especialisar a nossa agradecida referencia ao excellentes semanario de Barcellos «*Aurora do Cavado*», ao «*Correio Nacional*» o magnifico jornal catholico engrandecido pela penna prestigiosa de Nemo. Um e outro nos brindaram com o seu elogio auctorizado. Tambem agradecemos aos que têm accettato a permuta. Entre estes lembramos ter encontrado os seguintes:—A «*Lagrima*» de Barcellos, illustrada, sob a habilitação de Augusto Soucasaux, «*O Correio de Cintra*» lindo jornal illustrado, «*O Occidente dos Açores*», «*A Voz de Santo Antomo*» primorada revista, de Braga, «*A moda elegante*» que é uma perfeição no seu genero, «*A Revista Catholica*», «*O Progresso*», «*A Voz da Verdade*», etc., etc., etc.

Quando o espaço não nos fallar, como hoje, daremos uma nota completa dos jornaes que entram n'esta redacção.



## Perfil do padre



ESTE pôr do seculo magestoso e suggestivo como um pôr do sol, devorado de incerteza e atormentado pela ancia do desconhecido, suspenso entre a duvida e o desejo, como o tumulto de Mahomet entre dois imans, sente-se sempre a sua suprema aspiração que foi o ultimo gemido do genio que o encarnára — *Luzes! mais luzes!*

Orgulhoso, apeára Deus do altar como um mytho e queimara o Evangelho como uma velharia para erigir o egoismo á altura d'um principio.

Deschristianizando as almas paganizou os costumes. Os antigos divinizarão os vicios para justificar os homens, os modernos divinizam os homens para justificar os vicios.

Este nihilismo religioso, esta crise moral trouxeram nas dobras do seu manto estas duas aspides: o scepticismo e o sensualismo.

Vae-lhe nalma um pessimismo desolador que dilue em prazeres e devora-lhe o espirito uma sede insaciavel de saber que dessedenta na materia.

Progride: dia a dia vae alargando o patrimonio da civilisação.

Sente-se aureolado de gloria e não vê o vasio do seu coração, a soledade da sua alma sem o ideal da religião que lhe norteie as aspirações da intelligencia para a verdade e os impulsos dos sentimentos para o bem. A verdade e o bem polarizando o mundo.

Só Deus é a verdade e o bem; o padre o seu lingua.

Logar ao padre que comprehendendo o seu seculo e amando-o, vem cumprir o seu mandato divino: como medico d'alma, diagnosticadas as ter-riveis doenças da sociedade tratando-as pela caridade evangelica, servindo-lhe uma moral tonifican-te; como apóstolo da virtude, com a graça divina estampada nos labios fascinando-lhe o espirito pela santidade prendendo-lhe o coração pela bondade; como luz do mundo, illuminando pela palavra e pela penna, penetrando-lhe a intelligencia com o ef-fluvio electrico da fé.

Mais ampla a sua missão do que a dos seculos idos; nova feição a do seu apostolado nos seculos vindouros.

Mais missionario que anachoreta: deixa os ex-tasis mysticos do deserto e vae mundo em fóra formar almas, desabrochar espiritos numa abnega-ção heroica e tenaz.

Mais pastor que asceta: deixa a solidão do claustro que o feudalismo violára e vem para a so-ciedade, onde lhe dê em cheio o sol da civilisação, sendo o transumpto do Evangelho: sol da terra, luz do mundo.

---

Funde com o amor esse divorcio, ora hostile, ora desdenhoso que o seculo iconoclasta fomentára entre o povo e o padre.

Talha com paciencia caracteres inconsuteis nas verdadeiras noções de honra e dever que este seculo plutocrata posera em almoeda. Transfigura pelo perdão os corações desfigurados pelas paixões.

Ama a sciencia como um viatico da velhice e um cordeal do soffrimento, para mostrar ao tresloucado sabio que o padre não é um eunucho de intelligencia, nem a batina refractaria ás irradiações da sciencia e que não se lhe exige a castração da razão nem a abdicação da liberdade.

Folheia a sciencia como um livro onde soletra o nome de Deus. Irmana a fé com a razão crendo em Deus mas discutindo-o no campo da dogmatica, não aniquila a vontade na santidade, porque a unica liberdade é a que se funda na soberania do homem sobre si mesmo.

Azorruga impiedoso o padre mercenario como vendilhão do templo, o discolo como lobo do rebanho, o hypocrita como mentiroso d'alma e o fanatico como louco de exaltação.

E' socialista tendo por generalissimo Leão XIII, resolve a equação entre o salario e o trabalho pelo amor do proximo. E' democrata, crendo na soberania popular emanada de Deus — a hierarchia do direito, condemnando a oligarchia que subordina o direito do mais justo ao do mais forte; ajoelha mais depressa deante d'um bom principio que d'um bom principe. Anceia pela paz universal — o equilibrio

de direitos e deveres: o genero humano nivelado pela justiça socializando as riquezas e democratizando os despotismos.

Ama o progresso como uma escada mystica que mais nos aproxima do ideal das perfeições, suavisa-lhe os declives e lamenta as suas brutalidades que são as revoluções. Mais esclarecer que destruir. Educa como Frœbel com doçura e dedicação affectiva — esculptura almas, esperta engenhos e afia entendimentos. Nos pés, onde os tyrannos tem os ouvidos, elle tem as azas, para pairar acima do atoleiro das paixões. Na fé tem a chave do enygma do sobrenatural.

Tem a philosophia da bondade e da caridade, não se deixa amar porque todo o coração lhe é pequeno para amar os outros, não se deixa gosar porque toda a sua feicidade e deleites são capital dos humildes. A sua vida é uma ellipse com dous focos: a verdade e o bem.

Pão aos pobres, reabilitação ao crime, luz á infancia. E' pae para aconselhar, irmão para consolar e só padre para abençoar.

Como a sarça d'Horeb o fogo da caridade queima-o sem o consumir.

E' delegado de Deus e advogado do povo; d'ahi orador e jornalista.

A palavra e a penna completam-se.

A palavra póde trovejar com S. Bernardo, flamejar com S. Irineu, fulminar com Bossuet, illuminar com Pascal e queimar com Rousseau mas depressa voará nas azas do tempo se a não crystallisar a penna que é o phonographo das suas harmo-

---

nias, a tela das suas côres e a esculptura das suas fôrmas. A penna é o animatographo da palavra.

Pela palavra affirma o padre o seu apostolado: crer e amar.

E o seculo XIX fazendo o inventario de cem annos de glorias e triumphos perlados de suores, desilludido e vencido, no plenilunio da crença fará profissão de fé (*mens agitat molem*) envolvendo num olhar piedoso o crucifixo — o immaculado lemma da verdadeira liberdade, fraternidade e egualdade, pedindo perdão do mal que lhe fizera. Então este pelo seu logar-tenente o abençoará dizendo: « Perdôo-te porque illuminaste muito ».

S. Damaso, 10 de março de 1898.

*Agostinho d' Azevedo.*



# Mulher de Poncio

AO DR. FRANCISCO MARTINS.

Abriam bem os arcos rendilhados,  
sobre fustes esbeltos e lavrados.

D'entre festões suspensos e folhagens,  
sorriam mythologicas imagens.

A sacada de marmore, oppulenta,  
de artistas gregos o primôr ostenta.

Entre todos na vasta frontaria,  
era o balcão mais nobre que se abria.

Em volteio, quaes limpidas creanças,  
cortavam n'ô, de tarde, as pombas mansas.

Illustres n'elle ás vezes se agrupavam.  
Discutiam sorrindo ou conversavam.

Eram de Roma e graves senadores,  
heroicos generaes e embaixadores.

Vinha não raro a sós, alli scismar,  
dama gentil de caricioso olhar.

Do lúar da Judeia, a luz albente  
brincava em seus cabellos subtilmente.



Sentia-se um piedoso fundo honesto,  
na luz d'aquelle olhar leal e mesto.

A tumultuaria plebe, n'esse dia,  
espumava de colera e rugia.

Ameaças e gritos rouquejavam!  
Funestos, rubros olhos faiscavam!

Não mais freme e se estorce em convulsão,  
raivoso e louco, o turbido leão.

Era sangue, era morte, era um martyrio,  
quanto exoravam, no feroz delirio,

esses lugubres rostos incendiados,  
esses braços nodosos e estendidos!...

Debalde lhe falaram de innocencia.  
A' turba agrada sangue e não clemencia!

— Um patibulo é quanto vos apraz?  
'Hi tendes, pois, — lhe advertem — Barrabaz!...

Então redobra em furia desvairada,  
mais horrenda, febril, convulsionada!

— Oh, nunca! — conclamou. — Porem Jesus,  
sem culpa encontro! — O Gallileu á cruz! ..

Pilatos estendeu o braço então,  
e o flagellado abeira do balcão.

Timido vinha, esquallido e abatido,  
de galas irrisorias cingido.

Ironias crueis o saudaram.  
Os eccos pela praça retumbaram.

Maldições, assobios e risadas  
romperam de mil boccas condemnadas.

E apresentando-o á multidão fremente:  
— Vêde o triste! — exclamou. — Faz dé somente! ..

E a onda em grita explue: — Governador,  
contra Cesar conspiras. E's traidôr!...

N'isto a pendente purpura ondeou.  
 Matrona inquieta e loira entremostrou.

Lembrava, sob as prégas de brocado,  
 hellenico modelo esculpturado.

Pallida vinha, absorta e perturbada,  
 de nocturnas visões inda agitada.

Referira o que em sonhos entendêra.  
 Pelo réo supplicara, intercedêra.

— Não vês, pois, crime, e vaes dar morte ao Justo?! . .  
 Mulher sou, e não vergo assim com susto! . . .

E dissera com ar tão convencido,  
 que o romano ficou-se apprehensivo.

A Poncio, n'este em meio, syria escrava  
 rica e esplendida alfaia apresentava.

E agua tomando, após esforços vãos :  
 — Do sangue justo — diz — eu lavo as mãos! . . .

— Sobre nós, sobre a nossa descendencia,  
 estale a maldição da innocencia! . . .

A nobre dama afflicta e timorata,  
 turvo rosto occultou nas mãos de prata.

E a seus ouvidos, longe e pavoroso,  
 rolou um brado austero e vagaroso,

. . . . . ! . . . . .

N'esse grito, implacavel, dolorido,  
 a Historia condemnava-lhe o marido! . . . \*

*Mattos Ferreira,*

*Prior em Cintra. . .*

---

\* O auctor não desconheco o que a archeologia tem liquidado a proposito da *varanda de Pilatos*. Preferiu entrar pelos dominios da phantasia.

## A oração



**É** UM refrigerio do ceu, que surte banhar em luz e tocar de perpetua primavera os mais escaldados cerros das cordilheiras da vida.

Onde a oração assenta os seus arraiaes de paz e de amor, onde levanta trincheiras contra o scepticismo da consciencia — ou antes da inconsciencia —, cala-se como por encanto a voz do infortunio, e o anjo desolador da descrença bate as negras azas n'um vôo vertiginoso.

Na oração está a sublimidade da dôr, o desafogo de injustiças mal soffridas, o levantar dos corações para o seio do Infinito, o refulgir da esperança, o transumpto da innocencia, o doce resfolegar do puro amor.

\*  
\* \*

A primeira oração, que, á semelhança d'um rocio benefico, brota em notas harmoniosas dos labios do innocente, é a oração da simplicidade e do en-

canto sublimado — primeiro alvor de manhã argentina; primeiro sorriso d'aurora, que sobe para o ceu em ondas de sentimento.

Aquelle entesinho, que mal sabe balbuciar o doce nome de Mãe, já ergue as mãos n'uma prece instinctiva, como que experimentando necessidade de viver em espirito com os anjos, seus irmãos na pureza. . .

E' a avesinha, de pennas brancas como arminho, alando-se sorridente para as regiões do sobrenatural; é o marmore de Carrara, onde o buril da candura abre relevos doirados.

Como é encantador e delirante escutar a oração d'uma creança! . . .

\*  
\* \*

Como os herpes cheios de pustula contagiosa, o turbilhão das paixões enroscou-se ao coração d'aquelle mancebo. Empolgou-lhe a alma, transtornou-lhe a sã razão, embotou-lhe a intelligencia, aspou-lhe todos os principios de dignidade e todas as noções de honra — de homem, que era, o desgraçado tornou-se um polichinello sem vergonha. Nem admira: — deixou-se alliciar pelo tripudio das choreas e orgias estonteantes e atolou-se nos lupercaes do vicio; deu ouvidos ás protervias de mil outros jovens, estragados nos bordeis, e, pouco a pouco, foi-se familiarizando com a impudencia; considerou fastidiosas as doutrinas, que lhe foram inoculadas com o leite, e riu-se com um riso cynico e larvado. . .

E' triste vêr assim o despenhar d'um anjo, o

quebrar d'uma vergonhea cheia de seiva ; mas é natural. São as consequencias legitimas da premissa anteriormente posta.

Mas . . . já não haverá philtro, que o soerga da catalepsia enervante?!

Ha de atirar-se ao monturo como um cão vadio, corroido de moscas?! . . .

Um esforço! Relembrem-se-lhe os doces ensinamentos de sua progenitora! Lance-se-lhe a mão do amparo, que chama á vida, e não o latego da repulsão, que mais atasca! Faça-se com que elle pronuncie uma das muitas orações, que sabia na infancia, e . . . basta! Ver-se-ha como a fera se transforma em mansa pomba! . . .

\*  
\* \*

A' cabeceira do infeliz vela a dôr com suas puas perfurantes.

O seu leito de Procusto é tapetado de espinhos venenosos, que lhe dilaceram e contaminam as carnes.

No coração enreda-se-lhe a hydra maldita do desespero e no cerebro chega por vezes a perpassar-lhe a ideia louca do suicidio.

E' que, vendo-se só no mundo, de cara com mil contrariedades, e pedindo á razão desnortada um allivio para o infortunio, recebe em resposta uma gargalhada de mofa, que o faz descrêr de tudo.

Como Djanira, esforça-se por arremessar de si o manto d'angustias que o acabrunha, mas em vão! Como Ashaverus, vê-se illaqueado pela mão ferrea da desgraça, quer repellil-a a todo o transe, e tam-

bem em vão! — «Volta os olhos para o firmamento! segreda-lhe aos ouvidos uma voz secreta que o embriaga. — Não lances as tuas lágrimas para a terra, porque n'ella não podem produzir senão lama!»

E aquella luz amortecida, quasi prestes a extinguir-se pelas lufadas do desespero, reanima-se e illumina todo o aposento.

O triste sem amparo ajoelha-se com viva ardençia, pede como Magdalena, e d'ali a poucos instantes dorme a somno solto e sonha como um innocente.

A razão já não tem risos de mofa, porque a fé lhe refreou os impetos.

\*  
\* \*

O vento vocífera e pragueja nas enxarcias d'um navio. O cavname estremece aos empuxões violentos, que as ondas alterosas lhe imprimem. O traquete estorce-se em lucta herculea com o terrível bóreas. A tripulação corre de pôpa á proa, n'uma vertigem de loucura. . .

— «Que tempestade, santo Deus!» exclamam uns. Outros, a respirar agua-ardente, soltam pragas diabolicas, fazendo côro com os ventos.

E a borrasca cresce mais, muito mais, ameaçando pôr em estilhaços o pobre lenho. As aguas cavam-lhe aos pés um abysmo, com as fauces hiantes para tragar a presa. As gaivotas já entoam em volta uma nenia sinistra, uma elegia negra. . .

Eis que da amurada salta uma mulher lacrimosa, com uma creancinha ao collo. Com as mãos em crispações, aconchega bem para si o sangue de

seu sangue, com medo de que os elementos, em lucta lh'o arrepanhem; e com a voz entrecortada de soluços, arranca do intimo peito a oração simples mas sublime, mil e mil vezes repetida mas sempre emocionante, que principia assim: «Padre nosso, que estaes no ceu.»

Casam-se com a d'ella as vozes de todos, mesmo dos que ha pouco lembravam o ranger de dentes dos condemnados eternos.

E o vento foi amainando manso e manso; e as vagas foram socegando, como a creança acalentada por uma ballada de beijos; e o sol começou a desenhar reflexos d'oiro nas escamas do eterno luctador. . .

\*  
\*\*

No leito da agonia suprema está prostrado um ancião, rendido ao gelo dos invernos.

Aquelle alvejar das cans, aquella enrugar da fronte, aquella amortecer dos olhos dão-lhe um aspecto venerando, mas a esvair-se em breve para os paramos da eternidade.

Perguntae-lhe pelo seu estado, e vereis como elle responde: «Isto está por poucos momentos!»

E no entanto sorri.

Que estoicismo será este?

Quem lhe emprestará forças para encarar com um sorriso o golpe fatal, que a propria consciencia lhe accusa para logo? . . .

Será aquelle o sorriso cynico de quem bebeu no materialismo, no positivismo, no philosophismo liberal, no racionalismo, em todos esses desplantes

enfim que por ahi pullulam como cogumélos, o absyntho da descrença a respeito do alem-tumulo?!  
.....

Não!

Vêde como elle fita os olhos n'um crucifixo eburneo, d'onde pende o divino Jesus! Escutae-lhe o pulsar do coração, a ancian soffrego pela bem-aventurança!

Notae como elle expira com a oração nos labios, para ir juntar-se á pleiade dos predestinados!...

.....  
Admiravel, surprehendente, divinal o influxo da oração, desde os sorrisos do berço até ao sol-posto do tumulo!

S. Damaso, 2 — 3 — 98.

*R. F. Fontinha.*





## Letras



Sangue Latino por Fran Paxeco (em vulgar, Francisco Pacheco).  
Vem pela mão de Teixeira Bastos, que appella para o juizo do leitor.

Não serei eu quem o critique, aponto-o apenas.

Uma miscellanea encyclopedica de artigos de viagens, critica e philosophia, por cujas trezentas paginas manqueja o auctor arrimado á multa das citações.

Lê pela cartilha liberalista exaltada, atira-se á religião como um canibal. E' iberico em politica e phonetico em orthographia.

Em summa: um aborto revolucionario.

Portugal por Ferreira Girão. Historia o dominio philipino e a reacção restauradora. Enfeixa em dous mal serzidos capitulos factos colhidos em historias diversas, com uma myopia de critica e pobreza de locução que deixa entreluzir a penna d'um novato.

Ao heroe de Chaimite: saudação democrata a Mousinho por Bernardo Lucas. Aponta os pergaminhos do povo portuense, que se afidalgou pela hombridade de caracter genuinamente patriotico.

Acclama-o enthusiasticamente como interprete dos humildes.

Livro d'ouro dos meninos por Mg.<sup>r</sup> Souza. Um florilegio de practicas e orações, potaveis aos espiritos em flôr dos neo-commungantes, embora simples d'uma singeleza que roça pela monotonia.

Os Judeus em Portugal pelo Doutor Mendes Remedios. Diffusa monographia do povo hebreu na peninsula, especialmente em Portugal; crudito repositorio de estudos historicos ennastrados com um criterio seguro e imparcial. Segue passo a passo a sua influencia nas artes, sciencias e industrias, sobretudo no impulso dado ás descobertas pela illustração do seu espirito e riqueza dos seus haveres. Assenta até onde chegam as responsabilidades da Igreja que sempre os tolerou e até favoreceu. Expõe os privilegios e garantias outorgadas a par de clausulas e obrigações; insurge-

se contra as suas prepotencias e vexações no meneio da economia publica, sobre o povo, que lhes pagou com odio, e lamenta as represalias sangrentas, e calumnias pueris d'este sobre aquelles, exacerbadas por um fanatismo religioso mal entendido. Considera a sua expulsão como um erro politico de primeira ordem.

Lê-se com agrado e mixto d'interesse pela selecção de citações e estylo vivo, expressivo e até vehemente.

**Cruz e Espada**, discurso por Emydio Navarro. Brilhante allocução do illustre jornalista a favor das Irmãs das missões. Faz profissão de fê catholica; desenrola quadros historicos onde apparece sempre o ideal religioso fomentando todas as artes e sciencias e actuando como factor essencial sobre as grandes acções por onde se aferem as grandes nações. Põe em parallelo o missionario, o soldado e a irmã, fazendo d'elle resaltar o vulto sympathico d'esta como uma fada fascinando mais que convencendo. A leitura d'estas paginas refresca a alma como uma ablução matinal.

**Poema da Juventude** por José Maria Ançã. Um ramalhete de gentis poesias, ora languidas como um madrigal onde se reflectem as escandescencias d'uma imaginação juvenil, ora mysticas como um hymno, em que pulsa um coração crente. Só agora me veio parar ás mãos; havê-lo e lê-lo foi obra d'um instante. Deleita pela variedade da fórma e encanta pela elevação da ideia. E' padre e poeta, avis-rara; faz da lyra uma interprete sublime da sua alma piedosa e uma defensora contra os impios moitejos á sua Igreja. Como medianeiro entre Deus e os homens, traduz as suas supplicas e orações no que estes tem de mais divinamente artistico — a poesia. Bebe da fonte pura de Castalia e não d'essa agua chilra d'onde pullulam todos esses versos anodinos que inçam as obras dos novos.

E' offerecido ao Dr. João de Paiva e prefaciado por Candião de Figueiredo.

**Prosas de João de Deus**. Este livro espelha em muitas paginas a alma angelica e o agudo talento do grande lyrico.

Aquella simplicidade tem encantos suaves que nem a obra de Camillo consegue dar. Aquelle espirito não é erudito, mas é muito mais, porque é creador.

Todavia, o grosso volume demasia-se. Ha n'elle coisas intimas e coisas nullas, cuja publicação mais lembra habilidade de ganancia especuladora, do que o intuito de honrar João de Deus.

S. Damaso.

*Antunes.*



## No Collegio de S. Damaso



Os alumnos que, durante o carnaval ficaram no collegio, foram ao seminario de N. S. da Oliveira assistir ao sarau que os seminaristas prepararam para aquelles dias. Todos ficaram encantados com a diversão que o ex.<sup>mo</sup> Vice-Reitor teve a amabilidade de lhes proporcionar. Agradecem.

— Esteve no collegio o ex.<sup>mo</sup> dr. Dias da Silva, muito digno lente da Universidade.

— No dia 28 de fevereiro realisonou-se a sessão mensal da Associação de S. Luiz e S. Antonio. Tomou posse a mesa ultimamente eleita, i. é, Rev Amandio, Cypriano, H. Miranda e Amilcar. O snr. presidente falou sobre as vantagens da Associação, seus progressos, direitos e deveres dos socios. A assembleia prodigou-lhe palmas. Falaram tambem agradecendo sua eleição os demais membros da mesa. Aplaudidos.

Tomaram ainda a palavra os socios Adelino Jorge e Alfredo Machado, congratulando se pela renovação da Associação. Os socios José Bernardino Abreu e Henrique Guedes, para felicitação ao socio P.<sup>o</sup> Antonio Hermano, pelo seu anniversario natalicio, que passava n'esse dia.

No mesmo sentido falou o socio Alfredo Machado, e, commissionado pela sua classe, offereceu ao felicitado uma valiosa bilheteira de prata, como penhor da estima dos offerecentes. O Rev. Antonio Hermano em palavras

sentidas, agradeceu aquella gentil lembrança e protestou, mais uma vez, que abundava em vivos desejos de corresponder á estima, que os collegiaes assim lhe manifestavam.

A orchestra, como sempre, foi a alegria da sessão. Executou o *Hymno de S. Luiz* e a valsa *Chuva de Flores*. Ao piano, A. Martinó executou a mimosa peça *Stella* e Alberto Jorge a valsa *Ires*. Sempre cobertos de applausos hem merecidos.

— No fim de fevereiro leram-se as notas correspondentes áquelle mez. Colheram classificação distincta os seguintes :

*Em comportamento* : J. Ferreira, Maltez, Adolpho, Pimenta de Castro, Monteiro d'Oliveira, M. Santos, A. Santos, J. Almeida, J. Lemos, A. Lemos, A. Cruz, Pedro A., Camillo, José Vianna, Pinheiro, Carlos Moreira, Nelson, Alves da Silva, Santiago, F. Santos, Salgueiro, Lobo, Nascimento, Malheiro, Aurelio, Balthazar V., J. Telles, J. Miranda, M. Souza, M. Lopes, João Vianna, Cautella, Lourival, João Almeida, F. Almeida, J. O. Bastos, Severino.

*Em comportamento e applicação* : C. Leão, L. Telles, A. Peixoto, Alves Moreira, J. Peixoto, G. Faria, A. Monteiro, Amandio, Rebello, Vasconcellos, Pinto Basto, A. Azevedo, Cypriano, Elias, B. Araujo, Agostinho Oliveira, Faria, S. Perera, J. Montenegro, Emilio, S. e Castro, Alves Ferreira e, só em applicação, Barrozo, Eurico e Agular.

*Em aulas* : Adolpho Cunha, Alfredo Guimarães, Alvaro Lemos,

## Chronica do Collegio de S. Dámaso

Amílcar, M. Martins, Alfredo Monteiro, Arthur Freitas, Amandio Freitas, Alberto Cruz, F. Macambira, Manoel Joaquim, Balthazar d'Araujo, M. Salgueiro, Abrahão, Cautella, Arôzo, Emilio, Albuquerque, Paulo e Alves Ferreira. A todos estes, que pela sua boa vontade e esforço no cumprimento dos deveres escolares, mereceram notas elevadas dou sinceros parabens e um cordeal agradecimento.

— No dia 9 de março a benemerita Sociedade Martins Sarmiento, celebrando o natal do ex.<sup>mo</sup> dr. Martins Sarmiento, realizou a distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das escolas do concelho. Do collegio foi premiado o collegial Americo Maltez, filho do ex.<sup>mo</sup> snr. Alexandre Quiriciano Maltez, de Felgueiras.

— No dia 2 de abril, como já aqui se disse, é a saída para ferias de Paschoa. Que corram felicissimas para os nossos collegiaes e que, lindas ellas, voltem presto a cair dos livros e dos exames, cheios de boa vontade, e resolvidos a dar conta de si, como jovens consciós de seus deveres, é o nosso ardente voto.

*Amidéc.*

### Academia litterario-musical

Dia de grande gala para o collegio, o dia de S. José. A elle coube a honra da preferencia para a symphatrica cerimonia da 1.<sup>a</sup> communhão, uma das que mais nos fulam á alma — fazer d'um coração juvenil o *sanctus-sanctorum* de Christo, resguardado pelas candidas azas do cherubim da innocencia.

Para dar lustre a tal iniciação realisou-se uma sessão solenne

da Associação de S. Luiz e Santo Antonio, presidida pelo Rever. Amandio, acompanhado dos mais mesarios.

Abriu a o digno presidente com chave d'oiro discorrendo sobre o *trabalho* com phrases felizes e conceitos expressivos: seguiu-se o rev. Coelho, que em linguagem elegante e agradável deslindou as ideias consagradas dos ultimos centenarios, deduzindo a oportunidade do da India, para que teve palavras veementes d'enthusiasmo.

Apresentaram allocuções os alumnos Adelino Jorge (*Fraternidade*) e João Miranda (*Civilização e progresso*) que mereceram justos applausos. Recitaram poesias: Pimenta (*Infancia*), Gonçalo Lima (*Primavera*), A. Miranda (*Patria*), Albuquerque (*Viada*), Amílcar (*Historia simples*), José Vianna (*Canario*), H. Guedes (*20 annos e Macteo*). Todos se houyeram brilhantemente concorrendo assim para desfazer essa temerosa lenda de acanhamento collegial, que corre parellhas com a do cabo tormentoso.

A secção musical mais que nunca arranzou *bravos!* á assembleia e coropu os suados esforços do snr. Martino.

Ao piano, tocaram composições, Arlindo Martino (*Hermengarda, Lca.*), José Vianna (*Serenata*) Alberto Jorge (*Revue d'un Ange*).

A orchestra fez-se ouvir e admirar nos trechos (*Passo calle, Depois de ferias e Hymno*).

As palmas echoavam a cada artigo do programma satisfeito — como que um *visto* de approvação.

Deixou-nos a grata alegria d'uma noite bem passada.

*ca. et.*